

Carolina Paixão

O sonhar compartilhado em análise

Rêverie e fotografia na escuta clínica



Blucher

O SONHAR COMPARTILHADO EM ANÁLISE

Rêverie e fotografia na escuta clínica

Carolina Paixão

O sonhar compartilhado em análise: rêverie e fotografia na escuta clínica

© 2025 Carolina Paixão

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blucher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Nanci Ricci

Diagramação Mônica Landi

Revisão de texto Juliana Bormio

Capa Andressa Lira

Imagem da capa Carolina Paixão

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Paixão, Carolina

*O sonhar compartilhado em análise : rêverie e
fotografia na escuta clínica* / Carolina Paixão. –
São Paulo : Blucher, 2025.

360 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord.
de Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2687-1 (impresso)
ISBN 978-85-212-2688-8 (eletrônico – Epub)
ISBN 978-85-212-2685-7 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Rêverie. 3. Sonhos.
4. Contratransferência. 5. Clínica psicanalítica.
I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação	15
<i>Octavio Souza</i>	
Prefácio	19
<i>Luís Claudio Figueiredo</i>	
Introdução	25
1. Considerações preliminares: sonho e imagem na situação analisante	49
1.1 Contornos psicanalíticos: a situação analisante pautada no modelo do sonho	49
1.2 Devaneios fotográficos: trânsitos possíveis entre imagem fotográfica e imagem mental	67
2. Ativações do sonhar	85
2.1 Caso Clara	91
2.2 Sonhando a clínica com Thomas Ogden	104

2.2.1	Alguns fundamentos de uma clínica autoral	104
2.2.2	<i>Rêveries</i> no terceiro analítico	126
2.3	Discussão do Caso Clara: reservas fotográficas compartilhadas em análise	148
3.	Expansões do sonhar	183
3.1	O campo analítico pós-bioniano	183
3.2	Caso Marina	192
3.3	Sonhando a clínica com Antonino Ferro	201
3.3.1	<i>Rêveries</i> , transformação em sonho e <i>working through</i>	213
3.3.2	Personagens em busca de um autor, interpretações não saturadas e derivados narrativos	233
3.4	Discussão do Caso Marina: criação e autoria no teatro dos sonhos	246
4.	Nas margens do sonhar	277
4.1	As reservas extraviadas do analista: não sonho e função antianalítica da imagem	280
4.1.1	Vinheta Júlio	282
4.1.2	Vinheta Fabiano	286
4.1.3	Vinheta Petra	290
4.2	Contratransferência e uso do analista	293
4.3	Impasses, baluartes e <i>enactments</i> no sonhar compartilhado em análise	299
4.3.1	Das Polaroids à pinhole	299
4.3.2	Do gesto ao sonho	315

4.3.3 Não sonho	323
4.3.4 Sementes de pensamento	332
Fechando o obturador	335
Referências	341

Apresentação

O trabalho da mente do analista implicado na simbolização do traumático no processo analítico é um dos temas mais presentes na literatura psicanalítica contemporânea. O livro que Carolina Paixão agora nos traz é uma contribuição que se destaca de modo vigoroso nesse esforço investigativo coletivo. Impressiona a maturidade da autora em seu livro de estreia.

O sonhar compartilhado em análise: rêverie e fotografia na escuta clínica traz o impacto de um estilo que marca o leitor do início ao fim da leitura, pela qualidade ímpar da escrita, pelo domínio que a autora exerce sobre a totalidade do que, progressivamente, vai desdobrando com mestria. Carolina mostra cada trecho do seu trabalho com a elegância de um apresentador que prepara a plateia para cada segmento do espetáculo que se desenrola diante de seu olhar. À originalidade do estilo, acrescente-se a coragem na escolha do modo de abordar o tema em estudo.

O “sonhar compartilhado em análise” do título já deixa entrever os autores que instigam Carolina de modo mais direto em sua reflexão: Thomas Ogden, Antonino Ferro, Giuseppe Civitarese. Autores

como André Green, Luís Claudio Figueiredo, Nelson Coelho Junior, Fred Busch, René Roussillon, os casais Baranger, Rocha Barros, Botella e muitos outros são ainda chamados para o centro do debate. Todas essas contribuições são analisadas no calor dos passes e dos impasses da prática clínica da autora, em um tecido que envolve toda a sua argumentação. Nada de fios soltos.

Os casos clínicos apresentados impressionam por sua riqueza e desempenham função estruturante na urdidura do texto, trazendo para o leitor as vicissitudes do trabalho da analista em seus momentos produtivos, assim como em seus momentos de obstrução e paralisia. Experiência clínica e elaboração teórica mostram-se finamente entrelaçadas. A coragem e o tato com que a autora traz a intimidade de suas dificuldades, de seus pensamentos, de suas *rêveries*, das imagens mentais que a acompanham em seu trabalho clínico têm valor de lição. Não é nada comum nas publicações de analistas brasileiros. Vale também destacar o aprendizado derivado de suas elaborações teórico-clínicas, imensamente ricas em sua arguição conceitual. Muitas vezes, comentando as contribuições dos analistas que examina, não hesita em expor os limites de sua concordância, marcando a diferença de seu ponto de vista e, com isso, deixando ao leitor um campo fértil para reflexão.

Para Carolina particularmente, muito de sua *rêverie* na situação analisante acontece na forma de imagens mentais. Isso a distingue de Ogden, para quem a *rêverie* ocorre mais frequentemente na forma de devaneios e de pensamentos incidentes, como também de Ferro e de Civitarese, os quais, na avaliação da autora, abordam as questões levantadas pela noção de *rêverie* no contexto ampliado do campo analítico pós-bioniano. Levando em consideração esse fator, a autora se propõe a examinar em detalhe as funções das imagens mentais que se apresentam ao analista em seus aspectos simbolizantes e defensivos. Para tanto, e essa é uma das contribuições mais importantes que seu livro oferece, desenvolve uma ampla reflexão sobre as relações entre

as imagens mentais e a fotografia, esta última atividade artística à qual se dedica com persistência e seriedade. Por essa via, imprime, por ainda um outro viés, a marca de sua experiência pessoal na tecitura do texto.

Neste movimento, Carolina leva a cabo uma ampla pesquisa sobre a teoria da fotografia, estudando uma gama de autores que se dedicam à reflexão sobre esse campo da arte, atribuindo especial relevância aos trabalhos de Adolfo Montejo Navas e de Georges Didi-Huberman. Deles a autora toma emprestadas noções importantes para a elaboração conceitual que desenvolve ao longo do seu trabalho. Todo um novo vocabulário nos é oferecido para repensar o estatuto das imagens mentais do analista na situação analisante. Terceira margem da imagem, fotografia transversa, apercebença, via travessadeira. Essas e muitas outras noções possibilitam reimergir o estático da imagem fotográfica no movimento mental de sua feitura. A observação das margens do instantâneo fotográfico revela-se um modo privilegiado de fazer a atenção flutuar nos espraiamentos das imagens mentais que surpreendem o analista empenhado na percepção da processualidade de sua prática clínica.

Em suma, a leitura deste livro faz muito aprender a respeito dos autores que investiga, da complexidade do pensamento clínico na psicanálise contemporânea, da fotografia e, principalmente, sobre a própria autora, Carolina Paixão.

Octavio Souza

Prefácio

Comecemos do mais básico e importante a ser afirmado: *O sonhar compartilhado em análise* está entre os mais importantes livros sobre ética e técnica na prática psicanalítica publicados por autores brasileiros. É um primor de pesquisa clínico-teórica, escrito com uma clareza e elegância exemplares, bem como dá prova de uma honestidade intelectual raramente vista em letra de forma e mesmo pouco frequente em relatos orais nas comunicações entre pares. Trata-se, enfim, de grande contribuição para um tema que me é muito caro, a mente do analista. Fui orientador, mas principalmente aprendi e continuo aprendendo e sendo levado a “pensar mais” na leitura deste trabalho.

Gosto de fazer a distinção entre os sonhos noturnos, os sonhos diurnos (devaneios ou *rêveries*) e o sonhar permanente, subterrâneo, operando de noite e de dia, no sono e na vigília. Este é o sonhar que equivale ao exercício contínuo e cotidiano – salvo justamente nos adoecimentos psíquicos mais graves – da chamada função *alpha*. Trata-se da contínua digestão – processamento, elaboração e transformação, pela via da simbolização – das experiências emocionais,

sempre um tanto indigestas e que põem à prova nossa capacidade de metabolização.

É esse sonhar que pode e precisa ser compartilhado, até mesmo porque nenhuma mente individual é capaz de metabolizar sozinha todas as experiências emocionais que vivemos sem poder nos apropriar subjetivamente delas: compartilhar é necessário e imprescindível para viver. Uma psicanálise é uma via privilegiada – entre outras, como as experiências artísticas e religiosas – para propiciar tais processos.

Sonhos noturnos e sonhos diurnos são individuais, subjetivos, acontecem dentro da mente (e até do corpo) de cada sujeito, embora possam ser comunicados e, evidentemente, provenham do sonhar permanente, como, aliás, tudo o que vivemos, pensamos, sentimos e fazemos provém desse solo inconsciente. No entanto, não são eles o que pode ser efetivamente *compartilhado*. Aliás, tudo o que se passa e existe pela e na consciência finita pode em princípio ser *comunicado* – mesmo que a comunicação seja sempre um problema nunca perfeitamente resolvido, principalmente quando depende de palavras ou de outros sistemas de signos convencionais: comunicado, sim (ainda que imperfeitamente), compartilhado, nunca, embora certas modalidades primitivas de comunicação se aproximem bastante da experiência de compartilhar, o que acontece no espaço potencial, como ensina Winnicott (o jogo do rabisco, por exemplo, ainda é *compartilhamento*, mas já começa a ser *comunicação* no espaço potencial).

A situação melhora quando a comunicação entre consciências se aproxima desse terreno infinito, sem bordas e segmentações. Referimo-nos, evidentemente, ao inconsciente, em seu infinito emaranhamento, um novelo em que se misturam afetos – desejos, expectativas, medos e angústia – na forma de emoções, ideias vagas e indistintas, sensações de prazer e de dor em estado de mistura e confusão. Em resumo: tomamos o inconsciente como o sonho permanente

compartilhável sob a forma de um novelo de fantasias que correspondem aos impulsos (libidinais e agressivos) e às defesas contra as angústias.

Freud falava, com a melhor das intenções, em “comunicações inconscientes”, o que não é muito fácil de entender porque não é de fato uma representação muito precisa do que ocorre nesse plano obscuro e misterioso que é o do compartilhamento inconsciente. Talvez fosse mesmo muito melhor falarmos em *compartilhamento* do que em *comunicação*: o emaranhamento inconsciente é uma “entidade” transubjetiva potencializada na situação analisante, embora, claramente, também ocorra fora dela, por exemplo, em fenômenos coletivos, como um *show* musical, uma partida de futebol, uma “balada” (mas também ocorre, em menor escala, na leitura individual de um romance ou de uma poesia, como assinala Ogden, ou na fruição de uma obra no campo das artes plásticas ou na audição de uma bela peça musical).

Os conceitos de “campo analítico”, do casal Baranger, ou de “terceiro analítico”, de Thomas Ogden, bem como as elaborações dos teóricos bionianos do campo, como Antonino Ferro e Giuseppe Civitarese, vão justamente nessa direção. Os campos se formam no e pelo emaranhamento infinito e inconsciente nesse sonhar compartilhado.

Na passagem do compartilhamento do sonhar inconsciente para alguma possibilidade de comunicação – o que já requer a participação da consciência – é que serão necessárias palavras, se possível palavras com força poética e não meramente representacionais, e, principalmente, outras modalidades da “comunicação estética”. Estou chamando de comunicação estética uma forma de comunicação ainda muito próxima do sonhar inconsciente compartilhado.

Na comunicação estética, o que se comunica primariamente são atmosferas e climas emocionais, sensações sofridas no corpo, afetos, movimentos corporais e, só depois, podem ser extraídas desses

elementos pré-verbais – uma variada gama de significantes formais (Anzieu) – as ideias e os conceitos que poderão eventualmente encontrar algum lugar no plano das comunicações verbais, sempre imperfeitas e insuficientes, muito ou ligeiramente inadequadas. Acredito que o que está sendo chamado de “comunicação estética” ocupa justamente um lugar intermediário entre o *compartilhamento* e a *comunicação* e se realiza, conforme sugere Winnicott, no espaço potencial, entre o “dentro” (subjetivo) e o “fora” (objetivo).

As imagens que acodem ao espírito de Carolina durante seus atendimentos claramente provêm do sonhar compartilhado com seus pacientes, o sonhar compartilhado que é o solo de nutrição da sua contratransferência no sentido estrito, pois enquanto estivermos no campo do compartilhamento não caberia ainda falar em contratransferência, mas em “inconscientes emaranhados” ou novelos inconscientes.

Isso nos leva a ideias talvez um pouco novas e que não estão explicitadas no presente livro, embora me pareçam condizentes com o que nele aprendemos: a base são esses emaranhamentos, os novelos inconscientes de afetos e ideias vagas, e é a partir deles que podem ser “puxados os fios”, destacados, identificados e interpretados os fenômenos das transferências do paciente e contratransferências do analista. Isso não quer dizer que já não houvesse ali algo que pudesse ser chamado de transferência e contratransferência. No entanto, o mais básico sempre é o compartilhamento do emaranhado inconsciente e esse é um dos “fatos da vida”, dado que não se pode existir sem a imersão nesse emaranhamento e sem as trocas permanentes de experiências emocionais indigestas entre mentes pequenas demais para contê-las e transformá-las, precisando sempre de outras mentes para esse trabalho coletivo. É quando se inicia o regime das comunicações – saindo-se do regime do compartilhamento inconsciente – que os fenômenos das transferências e das contratransferências se tornam plenamente reais e identificáveis.

Procura-se uma análise ou terapia quando falham os canais cotidianos de circulação das experiências emocionais e a essa procura pode-se dar o nome de uma pré-transferência, assim como deu o nome de contratransferência primordial à disposição da mente que aceita o convite – quando não a intimação – para ingressar nesse circuito enovelado.

O grande e importante trabalho da mente do analista é complexo e se desdobra em muitas fases: em primeiro lugar, implica entregar-se – deixar-se levar – e participar dos emaranhamentos infinitos que se criam e se potencializam na situação analisante (um trabalho arriscado e mais difícil do que parece, porque exige a transposição das muitas resistências que o eu do analista pode oferecer a esse estado de desamparo e abertura indefesa); em segundo lugar, trata-se de observar (de fora, mas de muito perto) esse emaranhamento para com ele iniciar o trabalho propriamente analítico de identificar, nomear e interpretar as transferências dos pacientes e suas próprias contratransferências. Essa parte do trabalho é em si mesma muito complexa porque seu objeto inclui muitos elementos e aspectos. Entre eles ressalta todo o espectro pré-verbal e mais próximo às origens inconscientes (como os significantes formais de que falamos acima), como é o caso das imagens “fotográficas”, historietas, ideias avulsas e aparentemente “nada a ver”, sensações esquisitas, palavras desconexas etc., ou seja, toda a variedade de fenômenos psíquicos e somáticos que compõem o que pode ser entendido como “rêveries” no sentido ampliado do termo, tal como encontramos em Ogden e Civitarese, por exemplo.

Todos esses fenômenos são como “sonhos condicionados”, embora nem sempre venham na forma de sonhos diurnos, *rêveries*; são “fotografias instantâneas condicionadas”, já que, apesar de espontâneas, originam-se e destacam-se do solo comum do sonhar compartilhado. É o que os “condiciona”. Aliás, é desse solo de condicionamentos que vem tudo o que podemos vir a chamar, a partir do trabalho analítico,

de transferência e de contratransferência (algo que “já estava lá”, mas de forma indistinta, como fios do novelo).

O livro que estou aqui prefaciando aprofunda-se e emerge de forma surpreendentemente clara, bem organizada e bem escrita – sem que a clareza dissimule o que há de complexo e obscuro no terreno – em toda essa problemática, manejando com destreza grande variedade de ideias e autores e operando com eles na apresentação e discussão de alguns casos de análise. Não esconde, até mesmo, os impasses e os extravios com que os processos analíticos podem se deparar nesses meandros dos terrenos muitas vezes pantanosos e traiçoeiros.

É com imenso prazer que realizo esta tarefa.

Boa leitura.

Luís Claudio Figueiredo

Introdução

No terreno da pesquisa teórico-clínica em psicanálise contemporânea, temos testemunhado uma crescente valorização da mútua influência que as dimensões intrapsíquica e intersubjetiva exercem sobre a constituição subjetiva e as diferentes formas de adocimento psíquico. Nesse duplo atravessamento, as incidências do pulsional sobre o psiquismo são consideradas em estreita relação com as relações de objeto; isto é, os processos envolvidos nos trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes, embora operem no âmbito intrapsíquico, são indissociáveis da dinâmica intersubjetiva que nos constitui como sujeitos.

Na escuta clínica, considerar essa interdependência é lançar luz sobre os processos de simbolização no bojo da dinâmica transferencial-contratransferencial, valorizando o uso que o analisando faz da situação analisante para fins de elaboração psíquica junto à dinâmica transferencial inconsciente ali instalada. Em tal contexto, a transferência veicula e atualiza certos elementos do mundo interno do analisando indispensáveis à análise e, ao mesmo tempo, convoca o analista a contracenar com o analisando aspectos mais problemáticos

de suas relações objetais precoces, o que pode provocar, por vezes, formas inconscientes de atuação conjunta entre o par analítico, como a formação de conluios e outros modos de defesas e de resistências compartilhadas.

A disponibilidade de mente do analista e sua receptividade à relação transferencial permitem que toda a sorte de conteúdos adentrem a cena analítica, havendo chance para que sejam analisados e transformados ao longo do processo. Para tanto, não somente a perlaboração da contratransferência torna-se tarefa constante e indispensável ao ofício psicanalítico cotidiano, como os recursos de criatividade do analista fazem-se necessários para incrementar formas distintas de manejo clínico, evidentemente sustentadas por pilares técnicos e, sobretudo, éticos. Considerar todo esse conjunto clínico complexo implica uma escuta voltada para as diferentes dimensões inconscientes do sofrimento ou, como sugere Figueiredo (2014b), uma escuta polifônica, capaz de escutar também os efeitos que são produzidos sobre a mente do analista em sessão.

Fruto de minha tese de doutorado,¹ este livro propõe uma investigação sobre a contratransferência e o uso do analista pelo viés específico da ocorrência de imagens na situação analisante. Mais precisamente, o livro propõe escutar as imagens mentais que emergem na mente do analista em sessão, com o objetivo de compreender e de justificar em termos teóricos e metapsicológicos os fenômenos

1 Doutorado realizado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, orientado pelo prof. dr. Luís Claudio Figueiredo, entre 2018 e 2022, com o auxílio da bolsa CAPES. Assim como na tese, de antemão vale informar ao leitor que em diversos momentos irei me servir de uma escrita na primeira pessoa do singular. Isso favorece uma implicação maior de minha parte, não só na investigação contratransferencial junto aos casos clínicos apresentados e discutidos, como também na própria escrita, capaz de revelar as idas e vindas inerentes ao processo de realizar uma pesquisa clínico-teórica em psicanálise.

clínicos experimentados, elaborando um pensamento clínico sobre o assunto em questão. Mas de onde partem as inquietações que nos trazem até aqui?

Desde que comecei a estudar e a praticar psicanálise, tenho pesquisado a teoria da técnica em seus problemas e potencialidades. Nas últimas duas décadas, venho circunscrevendo minhas indagações em torno da capacidade de efetuar trabalhos psíquicos na clínica, não somente os trabalhos psíquicos do analisando, mas também os trabalhos psíquicos do profissional a partir de sua escuta, considerando a metapsicologia do analista em sessão. Desse campo mais amplo de observação, as imagens que ocorrem em minha mente enquanto escuto algum paciente em determinada sessão ganharam destaque e passaram a disparar, de início, as seguintes questões: Tais imagens trazem notícias do mundo interno do paciente, bem como do que pode estar ocorrendo na relação transferencial? Quais funções clínicas as imagens são capazes de operar? Como podem servir ao manejo clínico, se eu tomá-las como instrumento a partir de minha contra-transferência? Em qual campo conceitual as imagens estão inseridas? Podem ser consideradas *rêveries*, de acordo com o conceito proposto por Bion (1962/1994b, 1962/2021)? Antes de seguirmos com as motivações junto ao recorte específico da imagem, convido o leitor para um passeio por esse tema mais amplo dos trabalhos psíquicos na clínica.

No que concerne aos trabalhos psíquicos do analisando, tenho testemunhado, na maioria das vezes, um alargamento na capacidade de simbolização através de um enriquecimento dos trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes, relacionados aos processos de pensar, sonhar, brincar, rir e fazer lutos. No cerne de uma análise, a expansão dos trabalhos psíquicos está em íntima relação com a capacidade de simbolização facilitada pelo dispositivo analítico, incrementando recursos subjetivos, tais como: a elaboração da experiência emocional, a ampliação da criatividade e do repertório narrativo do paciente, a

capacidade de pensar/sonhar, a capacidade de fazer lutos, os reposicionamentos subjetivos e as possibilidades de lidar com a dinâmica entre desligamentos (trabalhos de luto) e ligações (trabalhos criativos), promovendo transformações (Figueiredo, 2014a).

No campo nosográfico, diríamos que os pacientes que se utilizam criativamente desses recursos são os que puderam ter certo asseguramento das fronteiras intrapsíquicas e intersubjetivas junto a um ambiente suficientemente bom, que pôde oferecer suas funções anti-traumáticas em diferentes dimensões de cuidado nos primórdios da vida psíquica. São pacientes que, apesar dos conflitos intrapsíquicos e das dificuldades sempre presentes nas relações interpessoais, podem lidar de forma razoável com os percalços do pulsional e das ambivalências e, na melhor das hipóteses, desfrutar de um viver criativo e se utilizar da situação analisante como quem sonha um sonho bom (Khan, 1962/1977).

Por outro lado, em alguns analisandos percebo a ocorrência de obstruções e de paralissias na capacidade de efetuar trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes, sendo necessário, por vezes, percorrer até mesmo um árduo trajeto de constituição do aparelho de pensar. Pouco a pouco, a instalação ou a recuperação da capacidade de simbolização vai se construindo por meio de um minucioso trabalho de alfabetização das emoções (Ferro & Basile, 2013). Nesses casos – cuja problemática repousa sobre sofrimentos narcísico-identitários e aponta para maiores engodos junto às relações objetais precoces –, a incidência do traumático prejudica a construção de representações acerca do vivido, colocando em xeque a capacidade de ligação e de elaboração simbólica, demandando do analista maior implicação em termos de emprestar seu aparelho de pensar (Green, 1975/2017b).

São indivíduos que acabam encontrando saídas extrarrepresentacionais na tentativa de suportar a dor psíquica e os efeitos do traumático, e mostram-se pacientes barulhentos porque muito ativados em defesas e resistências que promovem um curto-círcuito na

capacidade de elaboração psíquica e de dar sentido à experiência. Ou, com uma diferente tonalidade expressiva – mas não com menor sofrimento –, constituem-se como pacientes desvitalizados, apassivados, exilados em esconderijos narcísicos cujo silêncio não é menos perturbador e que, embora cheguem à análise, demonstram a necessidade de manter uma distância afetiva considerável do analista, bem como de seus próprios processos psíquicos inconscientes, sendo-lhes muito caras ou inconcebíveis as experiências de confiar e de ter esperança. Em tal contexto, faz mais sentido dizer que são pacientes que sofrem de um colapso do sonhar (Gurfinkel, 2008), para os quais a situação analisante não será experimentada – pelo menos não de início – como um dispositivo capaz de favorecer um sonho bom.

Junto a esses casos, a situação analisante pautada no modelo do sonho (Khan, 1962/1977; Green, 1975/2017b) precisará ser ressignificada de modo que o analista esteja muito mais atento aos seus modos de presença, já que terá de contar com os estados emocionais despertados pelo paciente como parte de seu instrumental clínico. Ao considerarmos o âmbito pré-verbal das comunicações inconscientes uma importante fonte de conhecimento sobre a relação transferencial-contratransferencial, as dimensões sensoriais e sutis do encontro servirão de bússola para o manejo clínico, a começar pelos efeitos que provocam no analista.

No que concerne aos trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes do analista em sessão, em minha experiência clínica vim percebendo com mais acuidade o trabalho que me é demandado em termos de continência e metabolização dos conteúdos trazidos pelos analisandos. Isso inclui um processamento dos elementos verbais e também dos não verbais, transmitidos por modos inconscientes de comunicação. Os conteúdos verbais incluem o que é da ordem textual e discursiva, e que ainda assim demandam uma segunda mente capaz de auxiliar a desobstrução dos circuitos simbólicos e de construção de sentido, criando pontes entre o latente e o manifesto, favorecendo

novos circuitos de elaboração psíquica. Já os conteúdos não verbais são mais difíceis de serem reconhecidos, pois participam da dimensão inefável do encontro clínico.

Os conteúdos não verbais, por exemplo, podem ganhar expressão através dos efeitos das identificações projetivas, fazendo sentir no analista determinados conteúdos impensáveis pelo analisando, inocularados inconscientemente para dentro de outrem como forma de solicitar uma segunda mente capaz de metabolizar o impensável até então (Klein, 1946/1982; Bion, 1962/1994b). Nesse caso, a disponibilidade de mente do analista para receber tais conteúdos engloba a capacidade para se deixar afetar e a porosidade para se deixar invadir, acolhendo e hospedando, em seu aparelho psíquico, elementos desconfortáveis e indigestos. Esses efeitos manifestam-se com traços de afetos diversos, pensamentos estranhos, sensações corporais, podendo incluir até mesmo vivências de despersonalização por parte do analista.

Tornando-me mais atenta a essa dimensão do cuidado e da função clínica da continência – que diz respeito justamente ao processamento dos elementos emocionais brutos e não pensados (Bion, 1962/1994b, 1962/2021) –, passei a considerar cada vez mais os meus afetos, as sensações corporais, os sonhos noturnos e diurnos (sobretudo os devaneios durante a sessão) como importantes fontes de informação e ferramentas clínicas. Nesse processo, conto evidentemente com análise pessoal e com supervisão como lugares de sustentação, de problematização e de encontro com um segundo olhar para as experiências em questão.

Tais atravessamentos clínicos, além de incrementar a atividade reflexiva sobre minha função e participação no encontro analítico, lançaram-me o constante desafio sobre como usar determinadas vivências sensoriais e afetivas em prol do manejo clínico. Percebo que esse uso faz-se menos por uma comunicação direta de tais vivências ao analisando, mas com maior frequência quando posso delas me

utilizar para melhor compreender o lugar que estou ocupando na transferência, o que abre margem para outros modos de manejo e de intervenções futuras. Diferentemente, se opto por devolver² tais conteúdos em um momento oportuno, busco na melhor das hipóteses já ter feito algum trabalho de elaboração, devolvendo de forma metabolizada e com uma linguagem que aposto como assimilável pelo analisando.

Importante dizer que a seleção de casos e de vinhetas ao longo dos capítulos não se restringe a categorias psicopatológicas específicas ou previamente estipuladas, e consiste em recortes da clínica com adultos, no contexto de consultório particular de psicanálise na cidade do Rio de Janeiro.³ Nos relatos e nas discussões, a prioridade dirige-se ao que vai ganhando forma e conteúdo pela via das imagens ocorridas na mente do analista, no desenrolar do processo clínico, na singularidade de cada encontro analítico. O destaque é oferecido, portanto, à dinâmica da escuta em diferentes processos analíticos, valorizando o que é da ordem do funcionamento mental do analista em sessão.

Para a elaboração do pensamento clínico, estarão em nossa companhia autores como Bion, Ogden, o casal Botella e o casal Baranger, bem como analistas da teoria do campo pós-bioniano, como Ferro e Civitarese. Tal escolha ocorre por esses autores proporcionarem às dimensões do onírico, da *rêverie* e da figurabilidade importantes

2 O tema da devolução dos conteúdos também se torna objeto de minha observação e pesquisa, quando da problematização do manejo clínico a partir das imagens mentais que emergem na escuta/nas trocas do campo analítico.

3 Os casos e as vinhetas consistem em construções narrativas disfarçadas e ficcionalizadas, provenientes de diferentes momentos de minha experiência clínica. Estão preservados o núcleo da problemática envolvendo as imagens e o manejo clínico daí decorrente, ambos indispesáveis aos objetivos da pesquisa. São priorizadas dinâmicas de escuta junto a analisandos que já tiveram suas análises encerradas.

ferramentas de compreensão e de manejo clínico a partir do que se passa no funcionamento mental do analista em sessão. Junto a eles também encontramos meios para pensar a situação analisante como um campo intersubjetivo e dinâmico capaz de fomentar tanto fantasias quanto resistências compartilhadas entre o par, evidentemente sem perdermos de vista o que é de responsabilidade exclusiva do analista em termos técnicos e éticos. Nesse sentido, o terceiro analítico de Ogden e a teoria do campo pós-bioniano tornam-se aliados cada vez mais importantes para uma clínica que se propõe a compreender a dimensão intersubjetiva das trocas do par, valorizando não sómente as transformações e as evoluções do campo, mas também os momentos em que o sonhar encontra-se paralisado ou com maiores dificuldades para ser utilizado com a função de promover trabalhos psíquicos e transformações. As potencialidades, os problemas e os desdobramentos dessa maneira de praticar e de pensar a clínica adquirem aqui a designação de uma escuta dirigida ao *sonhar compartilhado em análise*.

Retomando as motivações de uma pesquisa sobre a imagem na escuta, para além da experiência clínica cotidiana, percebo que demais elaborações junto ao campo da cultura e das artes – sobretudo a literatura e as artes (audio)visuais – ajudam a incrementar minha escuta analítica e acabam por trazer uma vivência de maior plasticidade e criatividade no encontro com os analisandos. Acredito que isso está intimamente relacionado ao que Figueiredo (2022) nomeou como o *cultivo* do analista, algo que acompanha a constituição e a constante expansão de suas reservas narcísicas (Figueiredo, 2008), tendo efeitos sobre a abrangência de sua escuta e possibilidades de abertura ao outro. A ideia de *cultivo* oferece um contraponto à mais consolidada noção de *formação*, mas que, de todo modo, ocorre em paralelo ao conjunto da análise pessoal + estudo teórico + supervisão/discussão clínica. O cultivo amplia a formação em termos de um repertório pessoal que vai se expandindo e se aprofundando à medida que o

analista pode nutrir-se de novas experiências junto a outros dispositivos da cultura, incrementando sua capacidade de efetuar trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes.

No campo das Artes, a Fotografia ganha destaque para mim, já que possui uma relevância em minha história de vida e, por isso mesmo, participa do constante processo de tornar-me analista, operando como importante fonte de cultivo de minha escuta. Nesse ponto, como quem sonha acordada o fazer clínico, passo a articular minha relação com a Fotografia com as imagens mentais na escuta analítica: com licença poética, penso que é como se as imagens que ocorressem em minha mente fossem fotografias que vou encontrando-criando pelos caminhos de minha escuta. Considerando essa interseção, busco explorar ressonâncias desse cultivo, investigando possíveis frutos de uma semente que tem em sua natureza o cruzamento entre Psicanálise e Fotografia, assumindo, a partir de então, a Fotografia como recurso integrante de minhas reservas e disponibilidade de mente para acolher e efetuar trabalhos psíquicos na clínica.

Nessa empreitada de articular clínica psicanalítica e Fotografia, proponho uma relação dialética entre imagem fotográfica e imagem mental, buscando justificar a ocorrência de trânsitos entre elas. Acredito que isso só é possível se considerarmos que a fotografia, embora se trate de uma imagem estática, abarca um movimento potencial que aponta para além do que de início sevê, animando trabalhos psíquicos para além do que ela é capaz de mostrar. A sustentação dos possíveis trânsitos entre imagem fotográfica e imagem mental se fará, sobretudo, com o auxílio das noções de *terceira margem da imagem* e de *fotografia transversa* trilhadas por Adolfo Montejo Navas (2017). Também serão de grande valia o que Georges Didi-Huberman (2018) descreve no interessante livro *Imagens-ocasiões* em termos de *apercebenças* e de *trabalho nos traveses*, valendo extrair desde já um despador nessa direção:

Trabalhar se diz e se pratica segundo vários sentidos, estilos ou gêneros possíveis. [...] Toda a questão é saber, nem tanto o que se está buscando, mas antes como buscá-lo. Jeito de trazer à tona a dialética entre aquilo que, num trabalho dado, põe em jogo a obtenção do resultado e aquilo que põe em obra sua própria suspensão, seu desejo, no processo inerente ao trabalho.

Haveria, então, ao menos duas dimensões no trabalho: haveria um trabalho em via direta (maior) e um trabalho em via travessadeira (menor). [...] Tudo que nos travessa, tudo que nos torce do interior, então aparece. Nunca melhor se revela seu desejo como quando se bifurca da via direta sobre uma via de través. (Didi-Huberman, 2018, p. 47)

Nesse percurso, cuja via principal tem por margem a experiência clínica psicanalítica, a Fotografia adquire o viés de uma “via travessadeira”, engendrando novas margens, favorecendo *insights* e outras formas de inteligibilidade e de construções narrativas. Todo esse conjunto retorna à rota da clínica, cultivando uma disponibilidade de escuta viva e desejante.

Percorrendo essas outras vias que em meus caminhos perpassam a Fotografia, importante dizer que, nos últimos quinze anos, estive envolvida com grupos de estudo, prática fotográfica e reflexão crítica acerca de imagens fotográficas. Hoje percebo que, ao longo desse período, vim construindo um movimento dialético entre Psicanálise e Fotografia, realizando ensaios fotográficos que fomentavam pontes entre ambas as disciplinas. Criei e expus⁴ publicamente alguns tra-

4 Exposições coletivas: ECOfoto – Escola de Comunicação da UFRJ, 2010; I Semana de Fotografia da PUC-Rio, 2011; Fragmentos da Percepção – Instituto

balhos que carregam uma influência psicanalítica em sua dimensão conceitual, utilizando-me da imagem fotográfica como suporte para enunciar questões em torno do luto, da melancolia e do transgeracional. Desse modo, vejo que a imagem fotográfica operou não só como suporte, mas sobretudo como *veículo* para a construção de roteiros e narrativas para os assuntos em questão.

Na outra via do encontro entre Psicanálise e Fotografia, trouxe para minha compreensão clínica parte das trocas que tenho com os colegas fotógrafos, com quem muito aprendo sobre o lugar e a função da imagem na cultura e nos processos de subjetivação. Por exemplo, o funcionamento do aparelho fotográfico inspira-me questões em torno do aparelho de pensar humano, considerando a construção de representações e os processos de simbolização; os posicionamentos éticos e técnicos, tanto do fotógrafo quanto do analista, incitam-me a tecer associações e buscar novos aprendizados a respeito de ambos; a relação entre sujeito e imagem desperta-me o desejo de pensar sobre os efeitos, os usos e as funções da imagem no interjogo fotógrafo – assunto fotografado – espectador, bem como entre o par analítico, as imagens e os personagens que emergem no campo e participam das

Kreatori, 2011; O futuro a Deus pertence/O Estendal – Paraty em Foco, 2011; Foto&Grafia: imagens em versos – FotoRio – Monumento Estácio de Sá, 2011; Olho de vidro – Instituto Kreatori, 2012; II Mostra Livre de Fotografia – Ateliê da Imagem/RJ e Buenos Aires, 2012; Coloridos sentados, lilás em pé – Centro Cultural da Justiça Federal, 2013.

Exposições individuais: Olhares Urbanos – Bar Conversa Fiada Ipanema, 2008; Kreatori Convida Carolina Paixão Pinheiro, 2012; Fotofeira – Feira de Antiguidades da Praça XV, 2013; Calendário de mesa da EBBS (Estratégia Brasileirinhas e Brasileirinhos Saudáveis) – IFF/Fiocruz/Ministério da Saúde, 2013. Aproveito para agradecer aos mestres Walter Firmo, Marco Antônio Portela e Marcos Bonisson a disponibilidade e o acompanhamento nos processos de elaboração dos ensaios conceituais, os quais mais me desafiam em termos de traduzir em imagem fotográfica o que me ocorria no âmbito da emoção e da imaginação.

construções narrativas em análise, convidando-nos a observar situações clínicas por um prisma múltiplo e diverso.

Considerando essa via de mão dupla entre Psicanálise e Fotografia, em minha leitura clínica vim criando uma compreensão lúdica para as imagens mentais que me ocorrem na clínica, entendendo-as como espécies de fotografias que capturo – ou que a mim me capturam – em um espaço virtual, mental, mas que nem por isso deixam de “se fazer ver” de diferentes modos. Nessa via de mão dupla – seja na cidade, seja em uma feira livre, em uma viagem turística ou testemunhando o colorido dos blocos de rua no Carnaval –, mesmo quando não tenho uma câmera em mãos, posso imaginar a feitura de uma fotografia ao perceber situações que acontecem no mundo e que eu poderia muito bem ter fotografado, mas, por não dispor na ocasião de um aparelho (de fotografar!), acabo guardando a cena em um lugar de memória em meu aparelho de pensar e sonhar.

Didi-Huberman (2018) lança luz sobre esse tipo de experiência, a que ele chama de *apercebença* – neologismo que nos leva de volta à poesia de Manoel de Barros, contemplando o fotógrafo que escolhemos citar na epígrafe deste livro. Com Didi-Huberman:

Tu passavas, num relance eu te fiz apercebida. Te aperceber: te ver sem te pegar nas redes da imobilidade. Te ver sem nem mesmo querer te “ter”, sem nem saber o que eu teria visto de ti. Tua imagem, eu não a “possuo” então. Mas ela fica em mim. É mesmo ela que me “possui” doravante. Ela virou como que um fóssil em movimento que ritma meus trabalhos e meus dias. Eu a experimento como uma espécie de “arrasto” visual que flutua e que duplica – estranho duplo fundo cuja profundidade, consistência, duração, potência, extensão, eu mesmo ignoro – meus olhares sobre o mundo doravante. Quando eu olho, faço como cada qual: pisco os olhos. Porém, no tempo tão

breve em que se abaixam minhas pálpebras e me isolam no escuro, o que se dá entre dois estados do visível não é a escuridão: é antes a frágil superposição, todavia tenaz, de tua soberana apercebença – ela é “tua”, aliás? é “minha”? ela antes não seria nômade e regressante, livre de qualquer assinalamento, de qualquer posse e de qualquer decisão? – no mundo que percebo em torno a mim. (Didi-Huberman, 2018, p. 19, grifos nossos)

Percebo que, em minha clínica, a Fotografia se oferece, se não como um ritmo – que implica constância, compasso –, certamente como um disparador de trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes a ocupar os meus dias, muitas vezes tomando-me de assalto. O desafio torna-se, então, o de me perguntar sobre suas possíveis utilidades clínicas. Um questionamento que se coloca é: O que uma fotografia é capaz de animar, que processos subjetivos engendra? Poderia uma fotografia compor, *antes*, trabalhos psíquicos capazes de tomar destinos diferentes do suporte tradicional da imagem plana ou projetada sobre uma superfície? Nesse ponto, a relação imagem-palavra parece ganhar interesse especial. Como psicanalistas, de que forma nos utilizamos das imagens mentais que emergem em nossa escuta em prol do manejo e da intervenção clínica?

Dessa vez, tendo a imagem mental como ponto de partida, será que podemos supor que uma fotografia se faz não somente pelo percurso inicial de ser vista/percebida e em seguida registrada, mas, por outro lado, imaginada antes da tomada da foto? Recordo agora um momento vivido em minhas incursões pela Fotografia, em que me senti decepcionada ao saber que uma foto de rua que me encantara (e um dos motivos do encantamento é porque ela parecia muito espontânea) havia sido uma imagem montada, ou seja, dirigida pelo fotógrafo antes da tomada. Trata-se da fotografia “*Le petit parisien*” (1952), de autoria de Willy Ronis (1910-2009). Tive contato com essa

fotografia em um museu e, em seguida, comprei um livro do fotógrafo em que ele conta a história de algumas de suas imagens. Nessa expansão de narrativa para além do visual, tive notícia de que a foto que me encantara havia sido dirigida por ele para fins de reportagem local. O menino sorridente e bem parisiense da fotografia, correndo arteiro e feliz com uma baguete embaixo do braço, havia tido de correr diversas vezes por alguns metros de calçada até que o fotógrafo se contentasse com o que pudesse ter sido uma boa foto (na era analógica, valia-se da experiência técnica e da intuição).

Pensando sobre essa situação e sobre minha afetação, lanço aqui uma questão: O resultado da foto é brilhante, mas saber que ela foi dirigida minimiza a magia da imagem e o mérito do fotógrafo ou, por outro lado, atesta seu traço criativo, uma vez que, antes de ser dirigida e tomada, a foto foi imaginada, criada no aparelho de pensar antes de atravessar o aparelho fotográfico? Considerar esse tipo de processo criativo ajuda a ultrapassar a noção de fotografia como mero registro do real? A partir dessa questão que aqui serve mais como uma provocação para criarmos no Capítulo 1 a inter-relação imagem fotográfica e imagem mental, vou abrindo caminhos para nutrir mais meu pensamento clínico, utilizando-me para isso de uma rede cultural que tem muito a contribuir para o ofício do psicanalista, uma vez que diferentes dispositivos da cultura alimentam nossa condição humana na necessidade de dar sentido à experiência.

Na clínica, percebo que as imagens mentais podem manifestar-se de maneira clara, vívida, inteligível e geralmente de forma prazerosa, embora nunca devam se esgotar em si mesmas, uma vez que demandam uma faculdade de compreensão, como iremos desenvolver a partir do Capítulo 2. Podem, por outro lado, insinuar-se de maneira estranha e nebulosa, mal chegando a se constituir como uma imagem como tal, provocando no analista uma sensação de confusão, desconforto, angústia, inquietação.

Sejam elas imagens bem definidas, como as incrementadas nas artes pelas novas tecnologias em HD e seus infinitos megapixels, sejam, por outro lado, imagens sem luminosidade suficiente, com seu objeto indefinido – ligeira ou efetivamente fora de foco –,⁵ para todo esse conjunto de fenômenos, o percurso de tornar visível uma imagem e construir a partir dela compreensão e narrativa implicam uma gama de trabalhos psíquicos por parte do analista. Como veremos nos Capítulos 3 e 4, os trabalhos psíquicos circunscrevem também o âmbito mais complexo das quimeras psíquicas, da necessidade de *working through* a partir da *rêverie*, da perlaboração da contratransferência, do atravessamento do *enactment*, da necessidade de um segundo olhar para a saída do baluarte, incluindo o analista ter de recuperar mente própria.

Em minha experiência clínica, foi na análise de Clara que, de início, me perguntei se as imagens mentais que me ocorriam comportavam um instrumental clínico potencial. Era uma análise que passou a provocar-me ansiedade e inquietação durante as sessões, em que mais precisamente me sentia misturada com as angústias da paciente. Atravessamos um longo período em que ela demonstrava não encontrar caminhos de representação e associatividade, em que sua busca por roteiros preestabelecidos e protocolos para as relações já não dava mais conta de aplacar a dor psíquica. Sua angústia inundou o campo e passou a tomar como refém também minha própria capacidade de pensar, que hoje percebo ter sido reconquistada com o auxílio das imagens mentais que me ocorreram enquanto a escutava, afetada por seu discurso ou pelo que a tonalidade afetiva do campo fazia sentir em mim. Escutar tais imagens e apostar que elas poderiam ajudar-nos a ultrapassar o misto de ansiedade e aridez em que nos encontrávamos

5 Parafraseando Robert Capa (2010) em referência às sobreviventes fotos tremidas que ele fez no Dia D, na Normandia, quando acompanhava a chegada das tropas americanas pelo mar, na praia de Omaha.

produziu, entre outras coisas, um reposicionamento em meu modo de estar com Clara, e ali me vi tendo de reconstruir criativamente um modo de analisar e, sobretudo, de autorizar-me a tanto.

Pontalis (1990/1991), ao comentar um artigo de Maurice Dayan,⁶ diz que uma análise só opera se o analista for capaz de *desfazer-se de si* – o que diz respeito não somente a questionar a imagem que ele tem de si ou possa querer dar de si, mas sobretudo o que perpassa sua formação de analista. Tornar-se analista implica, portanto, desprover-se das teorias e das técnicas que possamos carregar no bolso e, por conseguinte, aceitar e sustentar as incertezas, os vacilos das referências, buscando recriar ou modificar regimes de pensamento, transformando, em última instância, o próprio *ser do analista*. Só assim podemos seguir mantendo nossa função analítica, ao recriá-la diante das adversidades ou, mais sutilmente, diante do que opera como um lugar que, de tão seguro e conhecido, acaba engessando o analista dentro de teorias e técnicas a serem meramente repetidas, distanciando-o de um contato clínico vivo.

O encontro com Clara, visto a intensidade e a urgência que demandavam uma mudança interna na analista – relembrando a recomendação de Green no seminal artigo de 1975 –, obrigou-me a efetuar um rearranjo em minhas posições já conhecidas, cuja elaboração inicial redundou em um trabalho apresentado e publicado⁷ anteriormente, que veicula uma reflexão inicial entre Psicanálise e Fotografia. Naquele texto, de modo mais singelo, articulei os desafios

6 Dayan, M. (1990). L'impossibilité de se défaire de soi. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 41.

7 Trabalho intitulado *O universo das imagens no sonhar compartilhado em análise: aproximações entre psicanálise e fotografia*, apresentado no XI Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D. W. Winnicott (Porto Alegre, set. 2016) e na Jornada Interna da SPID (Rio de Janeiro, out. 2016); em 2017, publicado em *Rabisco: Revista de Psicanálise*, 7, 1, 191-200.

de minha escuta com os colocados por Flusser (1983/2009) para uma futura filosofia da fotografia, de tal maneira que tanto o psicanalista quanto o fotógrafo veem-se diante da necessidade de desvencilhar-se do automatismo, do mero cumprimento de regras e da pura técnica, para experimentar novas potencialidades de suas caixas pretas, seja ela o aparelho fotográfico, seja o inconsciente do analista e seu aparelho de pensar. Assim poderão, ambos, enfim, exercer seu ofício no terreno do brincar (Flusser, 1983/2009; Winnicott, 1971/2019d).

Antes de finalizarmos esta Introdução, é importante integrar ao tema da articulação imagem mental–imagem fotográfica uma construção (à la Freud, 1937/2018) elaborada em minha análise pessoal, que também teve incidências sobre os rumos da pesquisa. Vale frisar que a exposição dessa construção em análise leva em consideração o que o trabalho foi engendrando ao longo do tempo: fui entendendo que, uma vez abordando um tema sobre o funcionamento mental do analista, seria necessário explorar meus atravessamentos afetivos na clínica e também ao longo da pesquisa e da tessitura do trabalho, em um movimento dialético de implicação e reserva que também comparece na própria pesquisa clínica em psicanálise e no processo de escrita que daí resulta.⁸

Inicialmente, a proposta da pesquisa era fazer uma articulação entre Psicanálise e Fotografia, provavelmente estabelecendo diálogos entre as duas disciplinas, construindo aproximações ou reconhecendo confrontos entre ambas as práticas e teorias. No entanto, não vislumbrei possibilidades de articulação sem que eu provavelmente incorresse em correlações um pouco rasas entre as duas vastas disciplinas. O que se mostrou mais proveitoso, por fim, foi a chance de

8 Agradeço a Tales Ab'Sáber pelo belo livro *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud* (2005), cuja Introdução serviu-me de inspiração para integrar à escrita psicanalítica uma construção de cunho pessoal.

efetuar um mergulho mais profundo em minha experiência clínica, priorizando, nessa segunda escolha, a construção de um pensamento clínico orientado pelo arcabouço teórico psicanalítico.

Em paralelo, a construção em minha análise pessoal incrementou a concepção de fotografia como algo para além de uma disciplina com “F” maiúsculo, mas que a mim se fez como uma espécie de matriz simbolizante que passei a carregar comigo, como uma função introjetada e constituinte do meu enquadre interno, assimilada como parte do meu funcionamento mental. Foi aí que a fotografia passou a ser assumida, então, em referência às reservas narcísicas que compõem meu instrumental clínico, conjunto integrante, portanto, do tornar-me analista e, se pudermos assim dizer, de uma contratransferência primordial em termos de disponibilidade e de receptividade para o outro (Figueiredo, 2003; 2008).

Essa construção, em minha análise pessoal, refere-se a dois acontecimentos em minha história de vida, que até então eram considerados sem relação aparente entre si. Tal construção promove justamente uma associação narrativa entre os dois momentos descritos a seguir. Momento 1: quando eu tinha quase 3 anos de idade, por causa de acontecimentos difíceis que me escapavam ao processamento psíquico, fui acometida por um terror noturno que me despertava no meio da madrugada em certo estado de transe. Meus pais haviam se separado, eu voltei com minha mãe para o Rio de Janeiro, ao passo que meu pai seguiu vivendo em São Paulo, e então mudaram de estado também a atmosfera dos ambientes e os humores das pessoas ao meu redor. Momento 2: no ano seguinte, meu pai partiu em uma viagem de três meses, mas àquela altura já havíamos criado um ritmo de visitas e então a saudade apertou ainda mais durante o período de sua viagem. Em seu retorno, ele me trouxe de presente algo que me abriu todo um campo de criação e de apreciação muito valiosos: minha primeira câmera fotográfica. Eu estava com 4 anos de idade, e meu pai conta que precisou insistir com o vendedor, convencendo-o

a vender o produto que teria como destino, sim, uma criança. Provavelmente, naquela época (1989), não havia muitas possibilidades de câmeras “infantis” que operassem a pleno direito.

Resgatando esses acontecimentos em análise, intuo que ter estado às voltas com o novo “brinquedo”, manusear o aparelho e capturar em imagens o que atravessava o meu caminho deve ter-me ajudado, então, a recuperar o sonhar e o brincar (e também a capacidade de fazer lutos!), por meio da criação de novas cenas e realidades diante do que eu via e vivia – havia o olhar de volta ao mundo; o relacionar-me com as pessoas, com os objetos fotografados e o investimento pulsional erótico nisso tudo; o sustentar o tempo da espera e as revelações todas; havia o encontrar-me com a surpresa e com os inesperados, que acabavam relançando o sonho para mais e mais caminhos psíquicos não conhecidos ou até então não imaginados. Nesse interjogo complexo, acredito que a câmera operou como uma extensão ou uma espécie de prótese provisória do meu aparelho de pensar/sonhar, como uma “câmera de imaginar”, que deve ter-me ajudado a descongelar a vivência traumática que impossibilitava o sonho e a experiência do sonhar.

Contando com tal construção em análise e apostando valer mais a pena mergulhar nos casos clínicos dentro de uma compreensão psicanalítica – afinal, ofício ao qual me dedico todos os dias –, optei por abordar a fotografia a partir de uma dimensão metafórica e transicional de sonho, brincadeira e poesia, liberando-me do plano anterior de teorizar sobre a Fotografia em termos de disciplina na realidade compartilhada. Assim autorizo-me a mais adentrar a caixa preta do meu psiquismo com suas potencialidades clínicas, ou mais explorar minha “máquina de *rêverie*”, como certa vez nomeou de forma carinhosa um amigo que acompanhou as primeiras elaborações desse trabalho.

Adentrando a caixa preta do meu psiquismo, enquanto crio imagens mentais ao escutar meus analisandos e percebo esse “outro fazer

fotográfico” que se dá em meu funcionamento mental em sessão, almejo construir um pensamento clínico e fundamentar em termos teóricos e metapsicológicos tais fenômenos, elucidando seus possíveis usos e circunscrevendo suas funções, salientando ainda os riscos e os extravios que podem daí advir. A escolha por estabelecer o foco nos fenômenos clínicos traça, então, o plano de trabalho a seguir.

Para começar, será necessário circunscrever melhor o objeto de estudo. De que imagens estamos falando? Em se tratando de imagens mentais que ocorrem quando da escuta analítica, achamos apropriado considerar as imagens a partir do conceito de *rêverie*, tal como formulado por Bion (1962/1994b, 1962/2021). Essa é uma escolha que instala dúvidas frequentes, já que a *rêverie* consiste em um fenômeno não observável, a partir do qual só podemos inferir sua existência através de certas manifestações. Embora Bion tenha introduzido o conceito de *rêverie*, pouco criou desenvolvimentos sobre ele (Busch, 2019), logo, autores como Ogden, Ferro e Civitarese nos ajudarão a esclarecer os fenômenos comumente referidos à *rêverie* – conceito frequentemente mencionado na clínica psicanalítica contemporânea e, no entanto, de fronteiras imprecisas e compreensões clínicas tão ricas quanto variadas.

Questões que seguirão balizando nosso percurso são:

- a) Como podemos verificar ou inferir a ocorrência de imagens mentais em termos de uma atividade de *rêverie*?
- b) Quais funções tais imagens podem adquirir e de que modo podem produzir efeitos terapêuticos?
- c) Como instrumentalizar os possíveis usos em termos de manejo clínico a partir das imagens?
- d) Em última instância, como uma *rêverie* pode tornar-se transmissível ao outro e nele promover transformações?

Seguiremos também atentos a alguns problemas, que de início mapeamos da seguinte maneira:

- a) Poderia a produção imagética contribuir para a ocorrência de defesas e de resistências compartilhadas, obstruindo ou paralisando as transformações, as evoluções do campo e a expansão dos trabalhos psíquicos em análise?
- b) Como entender situações em que nenhum devaneio ocorre à mente do analista, em que uma espécie de concretude parece tomar conta do processo, persistindo a ausência de atrasamento onírico entre a dupla analítica?
- c) Há fenômenos imagéticos que parecem sonhos, mas que não engendram a experiência do sonhar, isto é, não realizam processos simbólicos? Isso poderia apontar para uma função antianalítica da imagem?
- d) Como nos certificamos de que os fenômenos ocorridos na mente do analista não dizem respeito a conteúdos exclusivos dele, e como abordar os problemas contratransferenciais diante do que se convencionou chamar de trocas intersubjetivas do par?

Os casos e as vinhetas que despertam tais questões farão o lastro de certa casuística, a partir da qual buscaremos reconhecer aproximações e distanciamentos entre o que foi experimentado nos processos analíticos selecionados. Em outras palavras, tentaremos averiguar se as imagens que emergiram no campo tiveram funções parecidas entre os casos, se puderam operar transformações e de que modo o fizeram. Não pretendemos, com isso, criar teorias universalizantes, mas nos utilizarmos da pesquisa clínica em psicanálise para justificar nossa compreensão e nosso manejo clínico nas experiências relatadas, no intuito de seguir promovendo interlocuções com a comunidade psicanalítica e, quem sabe, para além dela. Esse percurso inclui, ainda, um olhar para os usos que os analisandos puderam fazer dessas

imagens ou das imagens trazidas por eles a partir de seus próprios devaneios em sessão. Sob essa ótica, buscaremos compreender e fundamentar certos fenômenos vinculados ao *sonhar compartilhado em análise*, atentando para o caráter funcional e disfuncional das trocas conscientes e inconscientes nas comunicações entre o par analítico.

O Capítulo 1 tem um caráter introdutório e está dividido em duas partes: no primeiro item – “Contornos psicanalíticos” –, apresentamos as bases da teoria da técnica a partir das quais iremos elaborar nosso pensamento clínico-teórico. Passaremos de forma panorâmica por conceitos e noções fundamentais para nossa exploração das imagens mentais na escuta do analista, entre os quais se encontram: identificação projetiva, *rêverie*, terceiro analítico, figurabilidade e campo analítico. Daremos destaque à construção histórica da situação analisante como um dispositivo que favorece a expansão do pensar e do sonhar, junto à necessidade intrinsecamente humana de sonhar na presença de alguém, isto é, a necessidade de termos nossos sonhos relatados a outrem como forma de testemunho e auxílio para a elaboração de traumas e turbulências psíquicas.

No segundo item – “Devaneios fotográficos” –, a breve passagem pela filosofia da fotografia buscará fundamentar aproximações entre imagem fotográfica e imagem mental, transcendendo suportes previamente estipulados para a fotografia, abrindo margem para a construção de uma linguagem transversal capaz de articular fotografia e clínica psicanalítica de forma poética e metafórica. Nesse sentido, pensaremos um campo fotográfico a oferecer modos transicionais de construção de imagens, em que se incluem as *rêveries* (co)construídas na situação analisante e seu destino rumo à narratividade (e não necessariamente à fixação da imagem em uma superfície plana e palpável). Formularemos questões acerca do que anima uma imagem para além dela própria, favorecendo a expansão dos trabalhos psíquicos na clínica e na cultura. Com isso, ousaremos propor uma sobreposição de linguagens ou, como sugere Navas (2017), uma contaminação

dos meios entre o campo fotográfico e o dispositivo clínico psicanalítico, lançando a ambos o desafio de terem seus campos de atuação expandidos rumo a uma terceira margem da imagem e da clínica.

No Capítulo 2, o Caso Clara é revisitado e discutido com o auxílio de formulações teórico-clínicas de Thomas Ogden, nosso interlocutor principal. Considerando sua relevância para o tema dos processos do sonhar, nosso objetivo é esclarecer o que Ogden entende por *rêveries* e como demonstra usar suas *rêveries* imagéticas na clínica. Também Winnicott, Gurfinkel, Figueiredo e Flusser nos farão companhia nesta conversa.

No Capítulo 3, apresentaremos o Caso Marina e, de modo parecido com o capítulo anterior, buscaremos fundamentar o que se passou nessa análise em termos de imagem, seus usos e suas funções. Pelo caráter do diálogo analítico no encontro com Marina, adentraremos a teoria do campo pós-bioniano de modo a aprofundar nossa compreensão das trocas intersubjetivas, passando a considerar também as *rêveries* da própria analisanda, que nesse caso adquiriram papel primordial. As imagens e os personagens surgidos nessa análise serão pensados em termos de um teatro dos sonhos capaz de abrigar diversas vias narrativas para a elaboração da experiência emocional. Pensaremos também o manejo clínico pelo viés das interpretações não saturadas e dos derivados narrativos como forma de seguir sonhando a interpretação da analista. Imagem, personagem e narratividade irão se entrelaçar em uma trama complexa por entre sonhos noturnos e de vigília, convidando ao palco da análise os teatros do eu. Ferro e Civitarese serão nossas principais companhias nesse espetáculo de bilheteria fechada nos contornos da análise.

No Capítulo 4, abordaremos situações desafiadoras em que a construção de imagens na escuta da analista operou uma espécie de função antianalítica da imagem. Dessa vez, não discutiremos uma única construção de caso tão profundamente, mas iremos analisar três vinhetas clínicas que terão suas discussões entrelaçadas pelas

dificuldades encontradas ao longo dos processos. A partir da vinheta Júlio, notaremos como as imagens que se apresentavam sem cessar entre analisando e analista contribuíram para a formação de um conluio entre mentes, resultando em um modo de relação simbótica que impossibilitava a analista de pensar com mente própria e trabalhar através da função terceirizante do campo. Com a vinheta Fabiano, retomaremos a discussão sobre a *rêverie* precisar de trabalhos psíquicos posteriores para ser compreendida como tal e poder ser usada para fins de manejo clínico, sem que incorra em uma atuação do analista ou uma *self-disclosure* (autorrevelação). A partir da vinheta Petra, discutiremos a prevalência dos ataques à ligação e seus efeitos sobre a capacidade de *rêverie* da analista, não sem considerar a incidência de reações contratransferenciais despertadas por um caso difícil. A problemática da contratransferência estará sempre presente ao longo desse último capítulo, levantando questões em torno do uso que o analisando faz da situação analisante, bem como de atravessamentos pessoais da analista capazes de obstruir o andamento de um processo analítico. Contratransferência, impasses, baluartes e *enactments* serão pensados com o auxílio de autores como Racker, Cassorla e o casal Baranger.



Este livro é o apaixonante percurso de uma analista formulando em palavras as imagens espontâneas que atravessam o seu aparelho de pensar/fotografar em uma sessão de psicanálise. O que as imagens estão querendo dizer? Carolina Paixão prepara a sua câmera para captar imagens do inconsciente, desejos, expectativas, angústias e defesas. Hospeda o paciente em uma sala agradável e o convida a entrar no enquadre interno da analista. Cria o foco de sua escuta flutuante com a ajuda de Bion, Green, Ogden, Ferro, Civitarese e muitos outros autores. Então nos revela direitinho como aprendeu a captar e a transformar imagens em palavras: sua *rêverie* escapa aos caminhos excessivamente limitados da razão.

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2687-1



9 788521 226871



www.blucher.com.br

Blucher

Carolina Paixão

O sonhar compartilhado em análise

Rêverie e fotografia na escuta clínica



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O sonhar compartilhado em análise

Rêverie e fotografia na escuta clínica

Carolina Paixão

ISBN: 9788521226871

Páginas: 358

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
